



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 2316-5278

[doi](https://doi.org/10.23925/2316-5278.2025v26i1:e69151) <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2025v26i1:e69151>

“Si conceptualizamos mal, politizamos mal” e o esvaziamento do conceito liberdade em traduções visuais

“If we conceptualize badly, we politicize badly” and the deflation of the concept of freedom in visual translations

Amanda Monteiro Gonçalves*

amandamontt@gmail.com

Sérgio Antônio Silva**

sergio.silva@uemg.br

Resumo: Percebemos a pós-modernidade tratando conceitos como um adversário a se despir de contornos na busca por um ideal de fluidez – o resultado dessa abstração é a vagueza. Conceituar, no entanto, encontra raízes no pragmatismo peirciano; ou seja, na aplicabilidade da ideia no real. Esvaziar conceitos fundamentais em prol de subjetividades dispersas dificulta a comunicação, o que tende a aumentar a despolitização: a partir daqui, trazemos a citação da filósofa Celia Amorós que compõe o título. Reconhecemos que conceituar é uma referência importante para conhecer. É uma maneira de compreender nosso entorno, e negá-lo só faz aumentar o sofrimento no processo de nos entendermos no mundo. Aprender a dar contornos a termos e ideias continuadas é também reconhecer-se na linguagem, tornando possível o compartilhamento de sistemas sógnicos, algo imprescindível para que a comunicação aconteça; afinal, os repertórios dos sujeitos devem se tangenciar para possibilitar um diálogo (Torres, 2006, p. 105). A partir do pressuposto de que esse esvaziamento se reflete na comunicação visual, influenciando nosso repertório e, consequentemente, na maneira como propagamos ideias, direcionamos nosso olhar para imagens que buscam representar um conceito polissêmico, familiar, alvo de muitas torções: liberdade, em torno de padrões retóricos, utilizando da pesquisa por palavras-chave em plataformas de busca por imagens. Iniciamos o artigo tratando da função de conceitos como um contraponto ao ideal de vagueza e, em especial, sua importância na comunicação e no design, onde marca um dos pontos iniciais do processo criativo. Levantamos alguns dos sentidos que o termo “liberdade” carrega: etimologicamente, na filosofia, na política, na sociologia. Em seguida, partimos para a coleta de imagens gráficas, capas de livros e iconografias. Por fim, verbalizamos o que cada imagem tende a retratar a fim de classificá-las e compará-las com as informações recolhidas a respeito do conceito “liberdade” e organizamos os resultados em quadros de padrões retóricos. Com essa triagem e posterior comparação dos resultados, pareando-os com alguns dos sentidos levantados, apontamos como o esvaziamento do conceito pode se refletir em suas traduções visuais, influenciando nossa capacidade crítica, e de que maneira a máxima pragmática de Peirce pode nos auxiliar na produção e leitura de signos visuais simbólicos; isto é, na significação dos conceitos, objeto da análise pragmática. Comparamos alguns dos sentidos de liberdade e sua tradução intersemiótica para avaliar a abertura semântica que tende a ser incorporada. De maneira mais profunda, procuramos perceber nas sutilezas das repetições as tendências de esvaziamento e tensionamento da linguagem e tratar pontos conceituais cruciais de maneira despreocupada e acrítica, dificultando a elaboração em cima de certos termos e ideias.

Palavras-chave: Conceito. Liberdade. Linguagem visual. Pragmatismo.

Recebido em: 19/11/2024.

Aprovado em: 05/05/2025.

Publicado em: 30/06/2025.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Universidade do Estado de Minas Gerais.

** Universidade do Estado de Minas Gerais.

Abstract: We observe postmodernity dealing with concepts as adversaries to be stripped of contours in pursuit of an ideal of fluidity – the result of this abstraction is vagueness. However, conceptualization finds roots in Peircean pragmatism; that is, in the applicability of ideas to reality. Emptying fundamental concepts in favor of scattered subjectivities complicates communication, which tends to increase depoliticization. Here, we bring the quote from philosopher Celia Amorós that composes the title. We acknowledge that conceptualizing is an important reference for understanding. It's a way to comprehend our environment, and denying it only increases suffering in the process of understanding

ourselves in the world. Learning to give contours to terms and continued ideas is also recognizing oneself in language, making possible the sharing of sign systems, something essential for communication to occur; after all, individuals' repertoires must intersect to enable dialogue (Torres, 2006, p. 105). Based on the assumption that this emptying is reflected in visual communication, influencing our repertoire and consequently how we propagate ideas, we turn our attention to images that seek to represent a polysemic, familiar concept subjected to many twists: freedom, around rhetorical patterns, using keyword research on image search platforms. We begin the article addressing the function of concepts as a counterpoint to the ideal of vagueness and, especially, their importance in communication and design, marking one of the initial points of the creative process. We explore some of the senses that the term “freedom” carries: etymologically, in philosophy, politics, sociology. Next, we move to the collection of graphic images, book covers, and iconographies. Finally, we verbalize what each image tends to portray in order to classify them and compare them with the information gathered about the concept of “freedom,” organizing the results in tables of rhetorical patterns. Through this screening and subsequent comparison of results, pairing them with some of the senses identified, we indicate how the emptying of the concept can be reflected in its visual translations, influencing our critical capacity, and how Peirce's pragmatic maxim can assist us in the production and interpretation of symbolic visual signs; that is, in the signification of concepts, the object of pragmatic analysis. We compare some senses of freedom and their intersemiotic translation to evaluate the semantic openness that tends to be incorporated. In a deeper sense, we seek to perceive in the subtleties of repetitions the tendencies of emptying and tensioning of language and address crucial conceptual points in an unconcerned and uncritical manner, complicating the development around certain terms and ideas.

Keywords: Concept. Freedom. Pragmatism. Visual Language.

1 Introdução

Conceitos estão presentes em todas as áreas do conhecimento; tudo o que percebemos é atravessado pela linguagem. Dar contornos a termos e ideias continuadas é tornar possível o compartilhamento de sistemas sógnicos em grupos, o que é imprescindível para que a comunicação aconteça, afinal, os repertórios dos sujeitos devem se tangenciar para possibilitar um diálogo (Torres, 2006, p. 105), e consequentemente fazer política, em sentido amplo. Esse é nosso ponto de partida demarcado no título pela frase comumente atribuída à teórica feminista Celia Amorós. Se cada um determina seu próprio dicionário de sentidos como uma ilha particular, como seria possível realizar alguma troca? Embora definir conceitos precisos não seja necessário para todo e qualquer aspecto da existência, é importante principalmente para aquelas situações em que o termo determina poder e se reverbera pela mídia, para a sociedade, para políticas públicas, para o próprio desenvolvimento do senso crítico.

Liberdade é o termo com o qual trabalharemos. Bem consolidado no senso comum, ele é empregado de maneira muito natural, o que se associa ao que Peirce nomeou como primeiro grau de clareza (De Waal, 2007). Mas “saber o que uma palavra significa não implica ser infalível quando for aplicá-la” (De Waal, 2007, p. 39). Quando é tomado como um conceito óbvio, sem demandar novas reflexões, “liberdade” parece atuar como um curinga para se afirmar um ponto de vista: ao meu lado, está a liberdade, o virtuoso, e encerra-se uma discussão. Mas o que se quer dizer quando se reproduz o termo?

Com base nesse raciocínio, nos propomos a investigar a relação entre o conceito “liberdade” (signo verbal) e imagens derivadas (signo visual) para mapear padrões retóricos e compreender o que intencionam. Investigamos alguns dos sentidos que o termo polissêmico “liberdade” carrega, inquirição associada à máxima pragmática (Peirce, 2008; de Waal, 2007). Diante de tantas definições e usos do termo, onde as traduções visuais tendem a se concentrar? O esvaziamento previsto pode ser percebido nas representações visuais?

2 E conceitos deveriam ser vagos?

A abstração corresponde a uma maneira de se compreender determinado fenômeno, percebendo assim suas leis e estrutura interna (Breitbach, 1988, p. 122). Também diz respeito ao segundo nível de significação de Peirce, conforme exposto em seu texto *Como tornar as nossas ideias claras* (Peirce,

2008). Uma definição não deve se confundir com o “objeto em si”, mas é um signo que aponta para ele; é parte fundamental do processo de conhecer. Para se aproximar do real, “é preciso decompô-lo, identificar suas partes essenciais, apontar o que é secundário para que, depois, compreendida sua coerência interna, ele seja novamente reconstituído em outros moldes” (Breitbach, 1988, p. 124). Ribeiro e Milani (2009, p. 56-59) sintetizaram os propósitos do conceito para o conhecimento como o de construir redes de conhecimento referencial e desenvolver categorias analíticas. O esvaziamento, ou o “descolamento do próprio conceito em relação ao mundo”, provoca o seu empobrecimento. Nos interessa o lugar em que nos alinhamos a Peirce (2008, p. 62) ao dizer que “não se aprende nada de novo analisando definições, mas nossas crenças existentes podem ser organizadas; e ordem é essencial na economia intelectual”. Assim, vemos não apenas a importância do conceito, como o ato de dar nome às coisas, mas também do valor da clareza nas definições.

O uso indiscriminado de conceitos pode aumentar sua abertura semântica até o esvaziamento e apontar, também, tensões na sociedade. Um exemplo envolve o termo *intolerância*, que se refere a “situações de conflito social” e indica como as tensões políticas descenderam para as relações interpessoais” (Almeida, 2019, p. 209). Outro exemplo é a palavra *crise*, como levantou Fraser¹ (2020, p. 33). O uso da expressão muda e, com isso, muda também a relação dos sujeitos com ela, levando-os a uma posição deturpada e, de certo modo, alienante.

Percebemos a necessidade de refletir sobre o conceito “liberdade”, por ser um termo amplamente disseminado e, por muitas vezes, carregado de imprecisão. Interessamo-nos pelo salto que essa imprecisão pode realizar, se incorporando nas traduções visuais que profissionais como o designer efetuam. Observamos, com isso, como a percepção do termo se reflete em outros sistemas sónicos, levantando, antes, alguns dos sentidos carregados por ele.

3 Liberdade enquanto conceito

Para Peirce (2008, p. 71), é impossível ter “uma ideia nas nossas mentes que não se relacione com os concebíveis efeitos sensíveis das coisas”. Para aplicar a máxima pragmática, é necessário chegar ao segundo grau de clareza (De Waal, 2007). Para isso, traçamos um breve panorama do conceito. Ao abordar o termo *liberdade*, é importante distinguir a compreensão da familiaridade: “o simples fato de algo ser próximo e parecer ser um ‘velho conhecido’ de cada um de nós, é insuficiente para o filosofar” (Bicca, 1992, p. 26), especialmente ao tratar de um conceito que carrega “um significado emotivo muito forte”, além de uma descrição imprecisa (Bobbio, 1995, p. 19). Para Peirce (2008, p. 70), um significado é apenas o hábito que envolve. O significado de um experimento não está em qualquer dos particulares, mas no fenômeno que esse evento particular exemplifica (De Waal, 2007).

Mora (2001) traça um panorama do termo ao longo da história da filosofia e ressalta a importância de localizá-lo diante de pares conceituais, por comparação ou confronto. Além disso, recorre ao “raio de alcance” de seu sentido: “fala-se de liberdade privada ou pessoal, liberdade pública, liberdade política, liberdade social, liberdade de ação, liberdade de expressão, liberdade de ideias, liberdade moral etc.” (Mora, 2001, p. 1733). Parte do latim *liber*, que designava o jovem que podia participar de sua comunidade e assumir responsabilidades. Liberdade é então a possibilidade de autodeterminação (Mora, 2001, p. 1734) e de demonstrar responsabilidade diante de si e da comunidade. O autor trouxe três perspectivas de liberdade: natural (regida pela *limitação* do destino, o sujeito é livre desde que tenha consciência das limitações); social ou política (comunidades se regem com grande *autonomia*); e pessoal (*independência* das pressões da comunidade, reconhece uma camada de realidade que separa o indivíduo do todo).

1 “Hoje, quem quer que fale em ‘crise’ corre o risco de ser desconsiderado e visto como um charlatão, tamanha a banalização que o termo atingiu por sua utilização imprecisa e incessante. Mas há um sentido preciso em dizer que enfrentamos uma crise hoje. Se a caracterizarmos com precisão e identificarmos sua dinâmica distintiva, poderemos determinar melhor o que é necessário para resolvê-la” (Fraser, 2020, p. 33, grifos nossos).

Aristóteles separa a liberdade em duas formas: da vontade e da ação, contrapondo na segunda a coação ou ignorância à ação voluntária e reconhecendo, então, os *paradoxos* da liberdade da escolha (Mora, 2001, p. 1735). Spinoza opõe a liberdade como autodeterminação (determinação interna) à coação ou constrangimento (Bicca, 1992), em que ser livre significa agir somente por si (Fragoso, 2007). A liberdade não é parte da natureza, onde impera o determinismo, e só pode ser alcançada “quando somos capazes de reconhecer as causas reais de nossas ações” e “deixar de lado as ‘paixões tristes’ que nos intoxicam e entorpecem” (Fisher, 2020, p. 123). De modo similar, Kant propõe liberdade como uma questão moral (Pecorari, 2010), distante do reino dos fenômenos, e por isso o ser humano pode se tornar, em algum grau, livre: porque não são submetidos apenas às leis da natureza. Diz da capacidade de negar e resistir, de tomar partido, de criar suas próprias leis e assumir responsabilidade por aquilo que se faz. Em termos práticos, existem dois aspectos. O negativo se relaciona com a ideia transcendental da capacidade de distanciar a vontade de estímulos que a tocam, seja a educação, a cultura, crenças etc. É intangível; se encontra na posição de “coisa em si”, e não é, portanto, passível de ser acessada diretamente. Já o aspecto positivo reconhece que, mesmo incondicionada, segue a lei moral para a ação. “O aspecto positivo da liberdade consiste nesta autonomia da vontade, isto é, na determinação da vontade unicamente pela lei moral ou pela razão pura prática” (Pecorari, 2010, p. 52). Não se trata de arbitrariedade no sentido de indiferença, mas sim da autodeterminação pela razão. “Liberdade é autonomia da vontade e a vontade é autônoma quando age sem nenhuma intenção ou finalidade egoística, mas obedece às leis que a razão pura prática estabelece para que toda a humanidade se realize” (Pecorari, 2010, p. 56). Mencionamos também a crítica de Hegel à concepção de liberdade como aquilo que só depende do desejo (Bicca, 1992, p. 42) e a perspectiva de Nietzsche (2020), que conceitua liberdade como o desejo de se responsabilizar por si próprio; sustentar a distinção; a indiferença a certas privações; e a capacidade do sacrifício, sempre trazendo o esforço, a resistência, o superar algo.

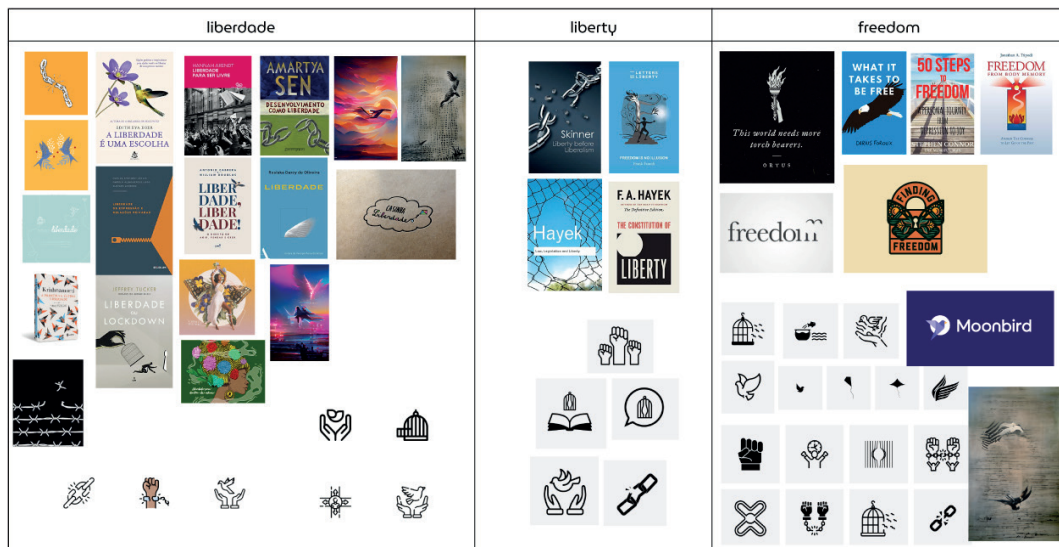
No campo político, o termo se faz forte mesmo antes da tríade revolucionária *Liberté, Egalité, Fraternité*. Após esse marco, com o surgimento das grandes ideologias políticas, o filósofo político Norberto Bobbio (1995) compreende a liberdade como parte de ambos os espectros, sem se opor à igualdade, como por muitas vezes é colocado. Para o autor, “a liberdade é o ideal supremo e último de uma comunidade ordenada, justa e feliz, junto da igualdade” (Bobbio, 1995, p. 111). Bobbio também considera a liberdade como não generalizável, existindo apenas as específicas: “de opinião, de imprensa, de iniciativa econômica, de reunião, de associação, e é sempre necessário, conforme as situações, especificar a qual delas se deseja referir” (Bobbio, 1995, p. 114). Além disso, a caracteriza como um “bem individual”, em contraste com a igualdade, que, ao apontar para uma relação entre dois ou mais, só pode ser um bem social (Bobbio, 1995, p. 115-116). Na esfera individual, é naturalmente desigual; “uma pessoa é tão mais livre quanto maior é o seu poder” (Bobbio, 1995, p. 114).

4 As imagens que constituem o conceito de liberdade

Trabalha-se constantemente com conceitos no design, entendendo-os como “um ponto nevrálgico em um processo de criação e produção de um novo produto” (Meyerewicz, 2011, p. 41). Eles figuram em uma série de traduções intersemióticas, ou seja, atravessam sistemas sógnicos variados, onde as características formais da sua criação devem carregar uma referência aos conceitos trabalhados. O repertório do designer é o fio condutor no processo criativo, e passar por um “estado de configuração” até determinada materialidade caracteriza sua criação (Plaza, 2003, p. 73). Logo, observa-se também no design a necessidade de trabalhar com conceitos claros como norteadores da criação. Plaza (2003, p. 52) afirma que “quando organizamos o signo, estamos também organizando a construção do olhar”. Estando mais bem equipado, o designer pode atuar de maneira mais minuciosa ao criar.

Nossa coleta teve como objetivo agrupar uma quantidade específica de peças gráficas. Determinamos primeiro os canais pelos quais poderíamos pesquisar através de palavras-chave: *Behance*², *Dribbble*³, *Pinterest*⁴, *Dream*⁵, *Freepik*⁶, *Savee*⁷, *Amazon.com*⁸, *The Noun Project*⁹, *Flaticon*¹⁰. Os termos buscados em todos os sites foram “liberdade”, “liberty” e “freedom”, dada a dificuldade de restringir a pesquisa por local e, por conseguinte, pelo idioma. A seleção consistiu em imagens produzidas digitalmente, desde que não fossem unicamente caligráficas, tipográficas ou relacionadas a pontos turísticos.

Figura 1. Equivalência dos termos.



Fonte: Os autores.

Os elementos resultantes das pesquisas com as três palavras-chave foram semelhantes entre si o suficiente para mantê-los como um único grande grupo, embora tenha sido mais recorrente encontrar imagens que seguiam nossos critérios a partir dos termos “liberdade” e “freedom” (Figura 1).

2 Disponível em: <https://www.behance.net>.

3 Disponível em: <https://dribbble.com>.

4 Disponível em: <https://br.pinterest.com>.

5 Disponível em: <https://dream.ai>.

6 Disponível em: <https://br.freepik.com>.

7 Disponível em: <https://savee.it>.

8 Disponível em: <https://www.amazon.com.br>.

9 Disponível em: <https://thenounproject.com>.

10 Disponível em: <https://www.flaticon.com>.

Figura 2. Classificação da amostragem



Fonte: Os autores.

Imagens com múltiplos elementos foram contabilizadas várias vezes. Identificaram-se dezoito tipos de formas nesta pesquisa, e esses signos foram listados e agrupados de acordo com as similaridades que compartilhavam. Chegamos a cinco grupos (Figura 2 e Quadro 1), concluindo que as duas maneiras mais usuais de se representar a liberdade se deu por signos relacionados a *voar* ou signos que evocam a *romper com uma limitação*, conforme contabilizado na coluna “Soma” (Quadro 1). Apenas duas imagens não foram enquadradas em nenhuma das categorias propostas e não foram contabilizadas nesta análise: uma delas trabalhou com uma composição de signos associados à natureza, e a outra, com abstrações geométricas.

Quadro 1: Signos que evocam liberdade

Grupos de elementos formais	Soma	Elementos formais	Soma
Signos de voar	25	Aves (pomba, beija-flor, gavião, genérica)	17
		Origami	3
		Pipa	3
		Céu	2
		Asas (isoladas)	2
		Borboleta	2
Signos de romper com uma limitação, uma amarra	19	Corrente quebrada	8
		Gaiola aberta	6
		Cerca	3
		Fechadura	2
		Barras entortadas	1
		Aquário	1
		Arame farpado	1
Signos de luta, resistência	4	Punhos erguidos	5
Signos de conhecimento	3	Luz, fogo	2
		Livro	1
Signos de caminho, processo	3	Estrada	2
		Encruzilhada	1

Fonte: Os autores.

Os signos mais recorrentes foram: aves, corrente quebrada, gaiola aberta e pipa. Desta amostragem, embora não seja o objeto de nossa análise, vale a menção à recorrência de uma estética de doçura, leveza, com tons pastel, flores e traços delicados. São escolhas que dizem muito sobre o interlocutor esperado e quais os efeitos se deseja causar nesse intérprete. Essas marcações de estilo dividem muitos interpretantes com os signos de voar listados (pássaros, asas, borboletas etc.). Vale mencionar também, quanto ao elemento “céu”, que mesmo estando subentendido em todos os ícones relativos ao “voar”, esse signo foi contabilizado apenas quando sua presença foi destacada (como, por exemplo, com nuvens ou uma moldura). A associação com o céu também parece reforçar a ideia de ausência de limites. Deste grupo, o origami e a pipa são os únicos elementos a fazer uma ponte com o universo de artefatos humanos, quebrando as associações anteriores com a liberdade “natural”. O peso na contagem do grupo “signos de voar” se justifica pela associação habitual do voo de um pássaro com a ideia de liberdade.

Para o grupo de signos relacionados a “romper com uma limitação”, todos os signos identificados são criações humanas. Nota-se um sentido extremamente diferente ao associar com o conceito de liberdade, com uma ênfase maior no obstáculo, no confronto, fazendo do significado algo mais ativo, uma transgressão, aproximando-se também da secundidade de Peirce, que se refere ao contraponto, uma espécie de resistência análoga (Santaella, 2001, p. 76). Todos eles são prisões, de alguma maneira, e a

liberdade é representada com a imagem daquilo que ela não é, a partir da quebra: as correntes quebradas, as barras entortadas, a porta da gaiola aberta. Há também um caso em que um peixe escapa do aquário “pulando” para fora em direção a um corpo d’água; esse, assim como as cenas que envolvem pássaros escapando de uma gaiola, representa um retorno do animal ao seu habitat natural.

Os signos de luta e resistência identificados compartilham em parte o sentido de liberdade do grupo anterior, pelo estado ativo, e não uma condição passiva; porém, enfatiza-se o aspecto simbólico da imagem do punho erguido, associado a lutas de movimentos sociais variados – movimento estudantil, feminista, negro, dos trabalhadores etc. – a partir da composição com outros signos. O uso desta imagem na arte gráfica pode ser observado desde 1917, mas o tratamento sintético da forma (de fácil reprodução em qualquer escala) está vinculado à “nova esquerda” estadunidense dos anos 1968 (Cushing, 2011). Aqui, o punho está descontextualizado, apresentando-se de modo isolado, porém, estritamente simbolizado pela ideia de resistência.

A vinculação entre liberdade e conhecimento parece ser, em parte, uma estratégia argumentativa pela profusão de frases amplas como “o conhecimento liberta”. De fato, não é possível considerar livre uma escolha que não é informada, seja ela fruto de um instinto animal, apenas, ou tomada mediante constrangimento, por exemplo. O conhecimento, representado pelo signo do livro ou da luz, seja ela de uma lâmpada ou do fogo, é aquilo que daria poder a uma pessoa de se libertar da ignorância e da opressão, sendo, conhecimento e autonomia, proporcionais, nesse sentido.

Por fim, “signos de caminho e processo” reforçam o caráter contínuo e dinâmico da liberdade, que não se conquista e se garante. Apesar de ter sido contabilizado apenas uma vez nessa pesquisa, é interessante notar que o signo de encruzilhada foi proposto possivelmente a partir de uma associação com a ideia de dispor de alternativas, opções de escolhas, o que acarreta tanto em possibilidades quanto em certa pressão. Este poderia ser um bom caminho de análise, em especial, pela tensão causada entre o que se observa na liberdade ingênua de algumas representações. Essa tensão se aproxima do contraste de forças classificado no quadro seguinte (Quadro 2).

Quadro 2: Pares antagônicos para o conceito de Liberdade

Conceito de Liberdade	+	0	-	Antagonismo de Liberdade
Autodeterminação	b	c	a - d	Coação, constrangimento, ignorância
Responsabilidade		b - d	a - c	“Vontade livre”, falta de responsabilidades
Questão moral (númeno, intangível)	d	b - c	a - d	Questão natural/natureza
Baseada na razão	d	b - c	a	Obediência ou cumprimento de necessidade cega
Contraste de forças	b - d	a - c		Estagnação, passividade
Incorpora impulsos e os submete à razão	d	b - c	a	Pureza ilusória

Fonte: Os autores.

Em um segundo momento, comparamos os principais elementos com os pares antagônicos destacados pelas definições de liberdade da seguinte maneira: atribuímos uma letra para cada um (ave=a; corrente rompida=b; gaiola aberta=c; pipa=d) para facilitar alocá-los no quadro: como uma representação mais relacionada à liberdade que exploramos, uma representação de algo antagônico a ele ou não se aplica àquele signo. Justificamos, por fim, a classificação dos quatro termos diante das seis réguas.

Aves (a): O voo das aves não diria de algo que não a necessidade cega, um chamado da natureza. É uma associação que diz muito da imensidão de possibilidades, como a imensidão do céu a se cruzar.

Parece se relacionar mais com um lirismo de falta de responsabilidades, e com uma ideia mais ingênua de “liberdade”.

Corrente rompida (b): Aqui, a representação parte daquilo que impede a liberdade. Se a corrente coage/constrange, a sua quebra nos leva ao oposto, que, em teoria, aproximaria da ideia de autodeterminação. A intenção necessária para sair daquele estado também explicita o uso da força, algo pelo qual se luta, se insiste ativamente. Esse signo pode, portanto, sustentar parte do conceito, apesar de nos levar a inferir que uma vez solto dessa corrente, o sujeito já se encontra livre, e essa resistência deixa de ser uma preocupação.

Gaiola aberta (c): Apesar de se assemelhar à ideia da corrente, de uma restrição de movimento, a gaiola aberta é apenas um estado passivo, e não indica quem teve condições de abri-la. Por se relacionar diretamente com animais e com sua retirada do habitat natural, podemos interpretar a gaiola como ambiente artificial que, quando aberta, permite o retorno ao local de origem. A gaiola aqui serve mais como um impedimento sobre um fluxo natural, e retrata a liberdade como um escape óbvio.

Pipa (d): Esse é um instrumento que obedece ao manuseio humano ao mesmo tempo em que se concilia com um elemento natural: o clima. Por isso, segue sempre em um constante movimento, um jogo de forças e de interações entre a ação humana e a natureza. Restrita pela linha, não pode explorar a infinitude do céu. Pode incorporar, a depender da maneira como é contextualizada, uma ampla parcela do conceito.

O grupo de signos naturais (aves, céu, fogo etc.), ao contrário dos signos de artefatos ou outras obras humanas (pipa, gaiola, cerca, estrada etc.) evocam uma liberdade que parece instintiva. Já o segundo, de modo geral, se associa melhor ao conceito pela aproximação com a ideia de razão, autodeterminação e moral: assuntos humanos, e não como impulsos da intuição. Esse grupo é capaz de traduzir “liberdade” de forma a refletir não apenas o ato de se livrar de restrições, mas a capacidade de agir de maneira autônoma dentro de um sistema de valores e responsabilidades. Os artefatos carregam consigo um componente mediador: o controle humano, que contextualiza a liberdade em um contexto moral e racional. Nesse sentido, os signos de “romper com uma limitação” não só evocam a ideia de liberdade enquanto ausência de restrição, mas também enquadram a condição ativa de seu sentido. Ela deixa de ser um estado natural e revela um campo de sentidos mais complexo, implicado na responsabilidade de pesquisa e criação para expor as nuances de seu significado que, como vimos, pode levar ao engano a partir de uma imagem.

5 Considerações finais

O uso da palavra na forma de “conceito” é útil no design para mapear o que se busca traduzir. No entanto, isso pode auxiliar na configuração de conceitos polissêmicos de maneira simplista, refletindo em posturas acríticas (Meyerewicz, 2011). Insistimos na reflexão ponderada, em especial, diante daquilo que nos é mais familiar, pois é onde reside o maior risco de descuido. Csikszentmihalyi (2020) diz, a respeito de uma falsa liberdade:

Quando seguimos as sugestões das instruções genéticas e sociais sem questionamento, abrimos mão do controle da consciência e viramos brinquedos desamparados de forças impessoais. [...] A visão “liberada” da natureza humana, que aceita e endossa todo instinto ou impulso que por acaso temos simplesmente porque existe, resulta em consequências que são um tanto reacionárias.

Não intencionamos fechar ou resumir a discussão sobre a liberdade, apenas demonstrar sua extensão. Buscamos, a partir dessa perspectiva, analisar criações sustentadas por esse conceito. Exploramos aqui como a generalização da forma pode desencadear determinadas semioses ao se relacionar com o termo “liberdade”. Vale ressaltar, no entanto, que escolhas relativas ao traço, às cores e à composição

levam a semiose para uma ou outra direção. Conforme mencionado, outros elementos estéticos foram frequentemente trabalhados de modo mais delicado, o que leva a associações com ingenuidade e pureza, evitadas na construção do conceito de liberdade. Lembramos também que as semioses possíveis são infinitas, e que esse pequeno recorte visa apenas demonstrar uma tendência.

Insistimos na reflexão ponderada, especialmente diante daquilo que nos é mais familiar, ancorando-nos aqui no pragmatismo, visto que é um “método para determinar o significado de [...] qualquer coisa que pode agir como um signo” (De Waal, 2007, p. 41). Não procuramos investigar eventos singulares, mas, sim, a generalidade que rege os casos levantados. Identificamos um risco nos interpretantes associados a um universo de sentido achatado e tranquilo, vinculados por convenção a cores claras, formas arredondadas, traços suaves. Combinados com signos estabelecidos socialmente dessa forma, corroboram essa percepção ingênua que, diante de uma posição crítica, buscamos contornar. Estudamos um dos elementos formais de uma composição gráfica para pensá-lo em relação a um conceito que se busca traduzir. Há ainda a possibilidade de novas pesquisas, com o aprofundamento em peças isoladas, trazendo intérpretes para interagir com os signos e também focando em outros elementos.

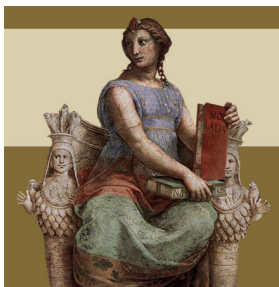
Referências

- ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos Estudos*. Cebrap. São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, abr. 2019.
- BICCA, Luiz. O conceito de liberdade em Hegel. *Síntese: Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 19, n. 56, 1992.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: Razões e significados de urna distinção política*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- BREITBACH, Áurea Correa de Miranda. Notas sobre a importância metodológica dos conceitos. *Ensaio FEE*, v. 9, n. 1, p. 121-125, 1988.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *Flow* (Edição revista e atualizada): A psicologia do alto desempenho e da felicidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.
- CUSHING, Lincoln. A brief history of the “clenched fist” image. *Docs Populi*. Disponível em: <http://www.docspopuli.org/articles/Fist.html>. Acesso em: 4 fev. 2025.
- FISHER, Mark. *Realismo Capitalista*. São Paulo: Autonomia literária, 2020.
- FRAGOSO, Emanuel Angelo. O conceito de Liberdade na Ética de Benedictus de Spinoza. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza* (ISSN 1981-7509), [S. l.], v. 1, n. 1, p. 27-36, julho 2007.
- FRASER, Nancy. *O velho está morrendo e o novo não pode nascer*. Autonomia Literária, 2020.
- MANTILLA, Karla. Let Them Eat Text: The Real Politics of Postmodernism. *Off Our Backs*, v. 29, n. 8, p. 7-16, 1999.
- MEYEREWICZ, André Borges. O conceito: concepções, pensamentos e reflexões. *Transverso*, n. 2, p. 38-51, 2011.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia: (K-P)*. Edições Loyola, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos: ou como filosofar com o martelo*. São Paulo: EDIPRO, 2020.
- PECORARI, Francesco. O conceito de liberdade em Kant. *Revista Ética e Filosofia Política*, v. 1, n. 12, 2010.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Ilustrações da Lógica da Ciência*. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2008.
- PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

RIBEIRO, Maria Teresa; MILANI, Carlos, orgs. *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos: Como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira, 2001.

TORRES, Myrla Lopes. A relevância do estudo da teoria da comunicação e da semiótica na formação e no aperfeiçoamento do profissional de design. *Revista Design em Foco*, v. 3, n. 2, p. 103-115, 2006.



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2025v26i1:e69151>